

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Kristian Sallinen direção musical
Digitópia eletrónica

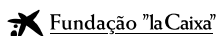
30 nov 2024 · 18:00 Sala Suggia

ANO DE PORTUGAL



casa da música

MECENAS





Entrevista ao maestro Kristian Sallinen

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION



1ª PARTE

Carlos Caires

All-in-one expanded, para orquestra e eletrónica (2011; c.8min)

Edvard Grieg

Peer Gynt, Suites n.º 2 e n.º 1 (1876/1888-91; c.30min)

1. O rapto da noiva. Lamento de Ingrid
2. Dança árabe
3. O regresso a casa de Peer Gynt (Noite de tempestade no mar)
4. Canção de Solveig

—

1. De manhã
2. Morte de Åse
3. Dança de Anitra
4. No palácio do rei da montanha

2ª PARTE

Lili Boulanger

D'un matin de printemps (1917-18; c.5min)

Magnus Lindberg

Tempus Fugit (2016-17; c.32min)

Carlos Caires

LISBOA, 1968

All-in-one expanded

O silêncio motivou a criação de *All-in-one*, obra destinada a um concerto do Remix Ensemble intitulado *4'33"* e realizado em 2010. A sua adaptação para orquestra e electrónica foi escrita no ano seguinte e estreada na Casa da Música, a 11 de Fevereiro de 2012, pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, sob direcção de Christoph König.

All-in-one expanded é a antítese da obra *4'33"* de John Cage, que lhe serve de inspiração, visto não haver, praticamente, silêncio. Lança-se a partir das notas repetidas do piano sobre as interjeições percussivas da orquestra, numa primeira secção dominada por timbres brilhantes, sobreposição de motivos angulares e tratamento da orquestra enquanto conjunto de câmara. A electrónica contribui para enriquecer a textura com camadas sonoras sobrepostas. O virtuosismo de determinadas passagens e a criação de um espaço tridimensional através das dinâmicas marcam uma secção que conduz a um episódio em que as cordas e os instrumentos de palheta executam um movimento perpétuo, pontuados pelas notas surdas dos bocais. A imprevisibilidade e a troca de materiais entre os naipes desembocam numa secção baseada em *ostinati* de notas repetidas. Esta atmosfera antecipa o retorno do ambiente inicial de *All-in-one expanded*, marcado pelo piano e pelas incisivas anotações da orquestra. Elementos pontilhistas e *tremolos* das cordas constituem o longo *decrecendo* final da obra.

Edvard Grieg

BERGEN, 1843 – BERGEN, 1907

Peer Gynt, Suites n.º 2 e n.º 1

A 24 de Fevereiro de 1876, em Oslo, foi estreada uma peça de teatro que transformou as artes: *Peer Gynt*. Escrita em verso pelo dramaturgo Henrik Ibsen, em bokmål norueguês ou danonorueguês (uma língua norueguesa com grafia dinamarquesa), transgrediu os modelos teatrais românticos e realistas, antecipando o Modernismo. Ao longo de cinco actos, conta a viagem do protagonista entre a Noruega e o norte de África, numa narrativa descontínua em que a alternância entre realidade e sonho, bem como a sátira, ocupa um lugar cimeiro. Os encontros de *Peer Gynt* com personagens do imaginário escandinavo, como os *trolls*, e com construções, como a Esfinge, sublinham o estilo fragmentário da obra, um clássico da literatura teatral.

O compositor Edvard Grieg, um dos expoentes máximos do Romantismo escandinavo, escreveu a música para a primeira apresentação da peça entre 1874 e 1875. Posteriormente, seleccionou algumas passagens e organizou-as em duas *suites*, que alcançaram grande sucesso junto do público da música orquestral.

A segunda dessas *suites* foi revista em 1885, e entre 1890 e 1892. Começa de forma enérgica com “O rapto da noiva/Lamento de Ingrid”, dando lugar a um lamento estático e tenso dominado pelas notas longas sobre um acompanhamento esparso. O carácter *cantabile*, o diferimento das resoluções e a presença de uma nota repetitiva acompanham os contrastes expressivos da passagem, que serve de prelúdio ao terceiro acto de *Peer Gynt*. Em “Dança árabe”, o número que precede a “Dança de Anitra”, as flautas e a percussão juntam-se numa secção sinuosa que retrata o mundo

Lili Boulanger

PARIS, 1893 – MÉZY-SUR-SEINE, 1918

D'un matin de printemps

Uma curta vida atormentada pela doença marcou o percurso da primeira compositora a receber o prestigiado Prix de Rome, em 1913. A redescoberta da sua música, no final do século XX, transformou a nossa visão do Modernismo francês, que na época se espalhava pela Europa com epicentro em Paris. Lili Boulanger era uma menina-prodígio nascida numa família de músicos. O seu pai, Ernest Boulanger, recebeu o Prix de Rome em 1835 e leccionava no Conservatório de Paris, onde o avô de Lili, violoncelista, deu aulas de canto. A avó de Lili era a cantora Marie-Julie Boulanger e a irmã Nadia tornou-se uma das maiores pedagogas da composição do século XX.

D'un matin de printemps é uma das últimas obras da compositora e foi escrita entre 1917 e 1918. Nessa época, a França encontrava-se profundamente envolvida na Primeira Guerra Mundial, e a saúde de Lili Boulanger, assolada pela tuberculose gastrointestinal, era irreversivelmente frágil. A obra sobreviveu em diversas versões: para violino e piano, para flauta e piano, para trio com piano e para orquestra. A partitura orquestral foi estreada postumamente no Conservatório de Paris, a 13 de Março de 1921. Os protagonistas dessa apresentação foram a Orquestra dos Concertos Padeloup e o maestro Rhené-Baton.

D'un matin de printemps começa de forma leve e ondulante, com um solo sinuoso da flauta sobre o acompanhamento das cordas. Os elementos sonoros, que sugerem a circularidade pentatónica, percorrem a orquestra acompanhados por paralelismo harmónico. O *tutti* orquestral é atingido após um *crescendo*,

exótico da Ásia. A estilização da música dos janízaros turcos, enfatizada pela orquestração brilhante, pelos jogos de pergunta-resposta e pela rusticidade, representa as paragens longínquas e exóticas. Segue-se um número tenso e tumultuoso, que ilustra o regresso do protagonista a casa, de barco, no início do último acto da peça. Este foi dificultado por uma tempestade retratada pelo compositor através da instabilidade, de toques militares e de células pontuadas que conduzem a um final plácido. A *suite* termina com a “Canção de Solveig” (retirada do terceiro acto), em que a introdução solitária e cristalina das cordas prepara uma canção popular de grande expressividade interpretada pela personagem homónima, apaixonada por Peer Gynt.

A primeira *suite* foi revista em 1885 e 1888, e começa com a melodia ondulante e campestre de “De manhã”, interpretada pela flauta e pelo oboé. Essa passagem, que se torna mais densa e intensa, representa o nascer do sol no deserto marroquino, onde Peer Gynt se encontrava na quarta cena do quarto acto. Segue-se o episódio estático e trágico, sublinhado pelo ritmo nas cordas, que acompanha a morte de Åse, mãe de Peer Gynt, no terceiro acto da peça. No acto seguinte, Anitra, filha de um chefe beduíno, dança um episódio em que as cordas alternam *pizzicatti* com arco, numa melodia simultaneamente rústica e misteriosa sublinhada pela leveza e pela ornamentação. A primeira *suite* termina com “No palácio do rei da montanha”, retratando o devaneio de Peer Gynt na corte desse monarca durante o segundo acto, onde uma multidão de *trolls*, gnomos e duendes se concentra. Uma marcha quase mecânica e assente em *ostinati* cresce e torna-se mais intensa e violenta, com a omnipresença do motivo principal, sublinhando as ligações ao maravilhoso escandinavo.

conduzindo a uma seção misteriosa que recorre às surdinas nos aerofones. A leveza das melodias *cantabile* interpretadas pelo violino antecipam um regresso à calma ondulante até ao *crescendo* final.

Magnus Lindberg

HELSÍNQUIA, 1958

Tempus Fugit

A locução latina *tempus fugit* alerta-nos para a transitoriedade, e serve de título à obra em programa do compositor finlandês Magnus Lindberg, que nos transporta num jogo entre a fugacidade do tempo e o próprio tempo em fuga. *Tempus Fugit* resultou de uma encomenda da Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa para celebrar o centenário da independência da Finlândia, declarada a 6 de Dezembro de 1917, e foi estreada, precisamente, 100 anos depois desse acontecimento pela mesma orquestra, dirigida por Hannu Lintu. A história conturbada da Finlândia até à independência e a herança romântica de Sibelius contribuíram para a abordagem estilística de Lindberg, que condensa vários tempos históricos.

Um motivo diatónico ascendente domina a obra, dividida em cinco partes. Uma massa sonora leve e estática é o fundo para a apresentação dos materiais melódicos, pontuados pelas oscilações das cordas. O elemento temático central emerge, repetidamente, a partir dos *tutti* orquestrais. A percussão intensifica a expressividade dos *ostinati* sobrepostos da orquestra, levando a um episódio sereno. A célula primordial regressa, sobre fundos sonoros variáveis onde a assimetria rítmica sublinha a circularidade dos materiais. A sucessão de massas sonoras contrastantes suporta os solos

angulares dos instrumentos de sopro, sobressaindo os timbres cristalinos entre a percussão fundida com as interjeições afirmativas dos contrabaixos. O adensamento da massa orquestral é esbatido a partir da sobreposição de curtas figurações virtuosísticas e ondulantes. O espectro do Romantismo wagneriano, uma concatenação de heroísmo e solenidade, visita *Tempus Fugit* até esta obra desemboçar num episódio de textura concertante que alterna o piano com agrupamentos de cordas ou de sopro, numa abordagem camerística. As oscilações movimentadas sobrepõem-se a fundos sonoros estáticos, conduzindo a uma passagem em textura de marcha dominada pela harpa e pelos aerofones de bocal. O piano regressa numa evocação do Romantismo tardio, conduzindo a uma curta transição pelas palhetas duplas e flautas. A atmosfera trágica carregada de *pathos* prepara uma fanfarra com o motivo ascendente sobre o qual revolve a obra. Um episódio baseado no virtuosismo sobrepõe *ostinati* de pequenas células de forma circular, reforçando o discurso através da repetição até ao final intenso desta celebração cívica.

JOÃO SILVA, 2024

Kristian Sallinen direção musical

O maestro finlandês Kristian Sallinen é um jovem talento notável e carismático. Trabalhou já com várias das principais orquestras finlandesas e está a conquistar rapidamente reconhecimento internacional.

A temporada 2024/25 faz-se de vários compromissos dignos de nota, incluindo os regressos à Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa, à Orquestra Filarmónica de Helsínquia e à Sinfonia Lahti, bem como primeiras colaborações com formações da Noruega, Suécia, Letónia e Portugal — a Sinfónica de Trondheim, a Sinfonietta Västerås, a Sinfónica Nacional da Letónia e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. A crescente presença internacional de Sallinen prossegue com estreias à frente da Filarmónica do Luxemburgo, da Filarmónica de Bruxelas, da Sinfónica da Islândia e, no Reino Unido, com a Orquestra Nacional da BBC de Gales, a Royal Philharmonic Orchestra e a Royal Northern Sinfonia. Na passada temporada, foi convidado por duas vezes para regressar à Sinfónica da BBC e fez a sua estreia com a Sinfónica de Berna, a Sinfónica Nacional da RTÉ e a Orquestra do Ulster. Trabalhou ainda com as filarmónicas de Tampere e Turku, entre outras. Em janeiro de 2024, o programa televisivo “Piece of My Life” transmitiu um concerto da Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa com Kristian Sallinen, visto por 850 mil pessoas na Finlândia (cerca de um sexto da população do país).

De Mozart e Beethoven a Dvořák, Sibelius, Britten and Bacewicz, o vasto repertório de Sallinen contempla igualmente um forte interesse na música contemporânea. Na recente edição do Festival de Música de Câmara de Trondheim, dirigiu duas obras de Jessie Montgomery, o compositor residente do festival.

Brevemente estará com a Orquestra Filarmónica de Helsínquia para a estreia mundial de *Hel-sinki Variations*, do finlandês Jouni Hirvelä.

Kristian Sallinen irá concluir os estudos de Direção Orquestral (com Sakari Oramo) na Academia Sibelius (Helsínquia), na primavera de 2025. Foi aluno de Jorma Panula e tem sido orientado por Paavo Järvi, Esa-Pekka Salonen, Hannu Lintu, Jukka-Pekka Saraste e Susanna Mälkki. Começou a estudar música aos cinco anos, tocando violino, e em 2013 mudou para a viola. Vencedor de prémios no país natal e membro do Seele String Quartet, tocou em festivais por toda a Europa e como solista com orquestras, entre elas a Sinfónica da Rádio Finlandesa.

Digitópia eletrónica

A Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música eletrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. O seu âmbito é bastante alargado, incluindo o desenvolvimento de *software* e *hardware*, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo, e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rãsonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Roumiana Badeva
Jorman Torres
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Maria Kagan
Andras Burai
José Despujols
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Maxence Mouriès*
José Pedro Rocha*
Mariana Cabral*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Karolina Andrzejczak
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Pedro Rocha
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Pedro Carvalho*
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Pedro Meireles
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Rute Azevedo
Jean-Loup Lecomte
Anna Gonera
Emília Alves
Rita Carreiras*
Rita Mendes*
Teresa Fleming*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
João Cunha
Hrant Yeranossyan
Aaron Choi
Michal Kiska
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Joel Azevedo
Slawomir Marzec
Georges Pereira*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Sofia Brito*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*
João Moreira
Ricardo Alves*

Fagote

Cândida Nunes
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Eddy Tauber
Hugo Sousa
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Ricardo Pereira*
Pedro Silva*
Nuno Martins

Tuba

Miguel Alves*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan

Piano/Celesta

Vítor Pinho*

Operação de eletrónica

Ema Ferreira**

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes

Palco

Amaro Machado
José Torres

Som

Carlos Lopes

* Instrumentistas convidados

** Digitópia

Próximos concertos

30.11 SÁB 21:00 SALA 2

Lina – Fado Camões

promotor: Misty Fest

01 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

A Flauta Mágica do Mozart

serviço educativo | primeiras oficinas

António Miguel Teixeira e Sofia Nereida formadores

01.12 DOM 21:00 SALA 2

Manuel Fúria

misty fest

promotor: Uguru

03.12 TER 19:30 SALA 2

ESMAE Big Band

prémio novos talentos Ageas

04.12 QUA 21:00 SALA 2

Future Jazz – Final

serviço educativo | nossos concertos

05.12 QUI 21:00 SALA 2

Du Nothin

promotor: O Malhão

06.12 SEX 21:00 SALA SUGGIA

Concerto Virtuoso

integral dos concertos para piano de Prokofieff

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Michael Sanderling direção musical

Artur Pizarro piano

obras de **Sergei Prokofieff, Anton Webern e Maurice Ravel**

07.12 SÁB 21:00 SALA 2

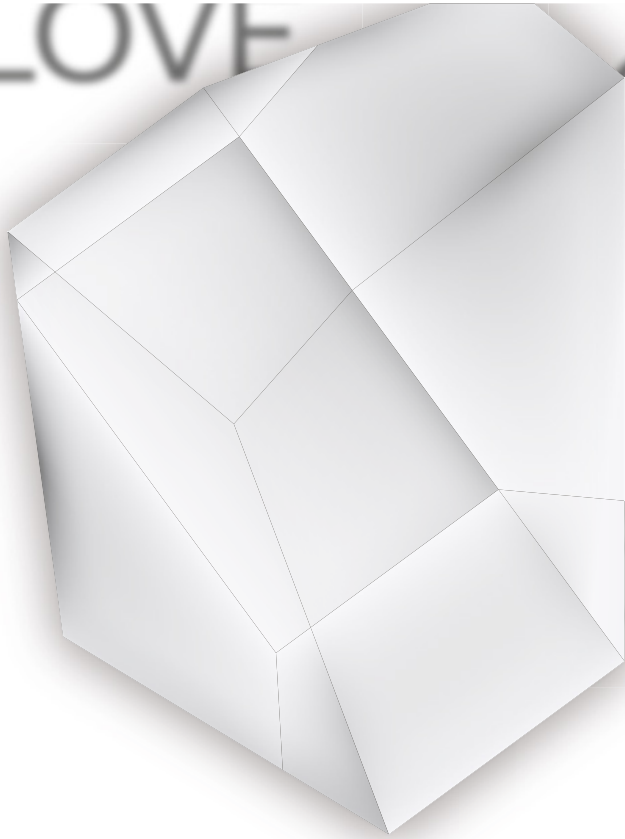
Teresinha Landeiro

promotor: Arruada

MÚSICA

I LOVE

CASA DA



AMIGO DA CASA

"Ilove Casa da Música. Thank you!"
- Lou Reed
Mensagem deixada no Livro de Honra após o concerto de abertura da Casa da Música (14/04/2005)

Ao tornar-se um Amigo, desfrutará de experiências únicas, benefícios exclusivos e acesso privilegiado a um mundo de música e cultura.

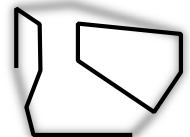
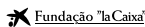
anos casa da música

temporada2025.casadamusica.com/ +351 220 120 220

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

